

A RESISTÊNCIA NA POESIA: RESENHA DE 50 POEMAS DE REVOLTA**RESISTENCE IN POETRY: REVIEW OF 50 POEMAS DE REVOLTA****LA RESISTENCIA EM LA POESÍA: UNA REVISIÓN DE 50 POEMAS DE REVOLTA****Sergio Schargel**

Não é surpreendente que a Companhia das Letras, editora de Luiz Schwarcz, que em 2018 afirmou que Jair Bolsonaro era uma ameaça à liberdade de expressão no país (MEIRELES, 2018), tenha publicado em 2017 um livro como *50 poemas de revolta*. Longe de ser o único, aliás, a editora tem lançado obras como *Sobre o autoritarismo brasileiro*, da também dona da editora, Lilia Schwarcz; uma edição especial de *1984*, de George Orwell; *Essa gente*, de Chico Buarque, entre outros que revelam uma preocupação sintomática com o processo de fragilização democrática pelo qual o Brasil - e o mundo - vem passando.

Coletânea de vários autores, entre novos e velhos expoentes da literatura nacional, *50 poemas de revolta* talvez pudesse passar despercebido em outras épocas. Mas não hoje em dia. No pós-2018, um livro como este é um hino ao ato de resistir, de rebeldia contra o autoritarismo teocrático, reacionário e, paradoxalmente, pseudo-liberal que a cada dia devora uma parte de nós.

Cada poema é um pequeno pedaço de luz, para evocar a imagem dos vaga-lumes criada por Pasolini e eternizada por Didi-Huberman em *Sobrevivência dos vaga-lumes*, pedaços quase irrisórios de luminosidade que, quando amalgamados, produzem um impertinente incômodo à obscuridade conservadora (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 58). A coletânea abre confirmando justamente esse ponto, “A poesia é, por si, ato de resistência” (50 POEMAS DE REVOLTA, 2019, p. 10). Roberto Alvim estava errado, obviamente em muitos aspectos, quando parafraseou Goebbels dizendo que a “arte brasileira da próxima década será heróica” (GOÉS; ARAGÃO; SOARES, 2020); errado porque a arte brasileira sempre foi heróica e, apesar dos não-heróicos esforçarem-se em apagar esse sol, sempre falharam e sempre falharão.

Há desde poemas de autores canônicos da literatura brasileira, como Mário de Andrade, com *Ode ao burguês*, ou Carlos Drummond de Andrade, com *A flor e a náusea*, a novos-clássicos como Conceição Evaristo. Autores heterogêneos, não somente em estilo ou

forma, mas até mesmo no espaço-tempo, são amalgamados pelo escopo da resistência. Resistência pequena, tímida, mas não menos poderosa. Como mostra uma imagem bastante disseminada após as eleições de 2018: os canalhas não suportam poesia.

Uma questão permeia o livreto, porém: toda poesia é política? Nesse sentido, o que é a noção de político por si próprio? Apesar de inserido na lógica do mercado, de uma forma ou de outra, a poesia, e a literatura em geral, nega-se a ser absorvida por essa mesma lógica. Mantém-se marginal, paralela, contornando. Mas sem abandoná-lo completamente, afinal, poemas também precisam ser vendidos, há de se colocar comida na mesa. Mas ela se nega a aceitar o seu ideal de produto, rebela-se contra tudo e todos, inclusive contra si própria. E, nesse sentido, toda poesia é política.

Considerando a perspectiva gramsciana (MORAES, 2018) de que a hegemonia é a cristalização do poder em sua forma máxima, através de redes que se disseminam por toda a sociedade, compreende-se a pertinência de uma obra como *50 poemas de revolta*. Conforme aponta Dênis de Moraes (2016, p. 15), baseado em Gramsci: “A hegemonia é obtida e consolidada em disputas que comportam não apenas questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, como também, no plano ético-cultural, a expressão de saberes”. A poesia, mesmo a poesia que se quer apolítica (embora não exista nada apolítico), atua como metodologia eficaz para furar, gradualmente, a bolha da hegemonia. A resistência poética, ou a revolta, como presente no título em si, na contemporaneidade se distribui de muitas formas: revolta contra o anti-intelectualismo; revolta contra o libertarianismo que, paradoxalmente, por totalizar o ideal de liberdade acaba justamente por restringi-la, implicando a lógica do mercado à tudo e todos; revolta contra a indiferença, o consumismo, o ódio e contra um mundo cada vez mais fragilizado, impotente, que parece inundado por uma perspectiva sombria de um inevitável apocalipse ambiental, pandêmico, tecnológico, ou qualquer outra forma que a humanidade encontrar pra aniquilar a si própria.

Retomando o livro de Didi-Huberman que se popularizou, ao menos no ambiente acadêmico, com a bela metáfora dos vaga-lumes, criada inicialmente por Pasolini em um ensaio de 1975, essa pequena coletânea é um exemplo em formato literário exatamente dos pontos que Huberman levanta. Embora *50 poemas de revolta* tenha sido publicado em 2017 e, portanto, antes da eleição de um governo que utiliza uma metodologia fascista de poder, já naquele ano tínhamos um prelúdio do que nos esperava. Com o *impeachment*, o crescimento do reacionarismo e do fundamentalismo religioso, a precarização das relações de trabalho que

se seguiram a reforma trabalhista e o desmonte do frágil Estado de bem-estar social construído durante 16 anos de um governo social-democrata, era de se esperar o crescimento de um sentimento apocalíptico e fatalista, um pessimismo que, em certa medida, pode ser visto em diversas obras, principalmente no pós-2018. Tanto a coletânea publicada pela Companhia das Letras quanto o livro de Didi-Huberman, todavia, exprimem, em um quase paradoxo, um otimismo melancólico que pode ser sintetizado com a ideia de que não está morto quem se rebela.

Em seu ensaio o cineasta Pasolini, frustrado com a ascensão de um forte movimento neofascista na Itália de 1975, crava em desespero que os vaga-lumes, isto é, aqueles “capazes de enxergar a escuridão de seu próprio tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 59), para utilizar uma metáfora semelhante de Agamben, estariam condenados ao desaparecimento. Se menos de quarenta anos após o fim do fascismo histórico ele ressurgia com novas vestes e pouco se fazia contra, parecia existir nenhum espaço para o otimismo. Hoje, com outra uma onda de ascensão do fascismo ao redor do planeta, é fácil entregar-se novamente à derrota.

Mas o que tanto Didi-Huberman quanto *50 poemas de revolta* mostram é que não há morte sem luta, não há extermínio sem resistência. A cada Jair Bolsonaro que surge, uma obra como *50 poemas de revolta* é lançada. É uma resistência melancólica, do pequeno, mas, ainda assim, uma resistência. Uma rebeldia que promove pequenas rachaduras em um cristal de ódio e o impede de se tornar absoluto e onipotente. Vários pequenos pontos luminescentes que, em grandes quantidades, formam um holofote capaz de fazer frente ao sol do fascismo com suas mariposas suicidas grudadas.

A ideia dos vaga-lumes de Pasonili, bem como se poderia citar também o contemporâneo de Agamben, não é inédita: Nietzsche (2003, p. 06) já criara a imagem do “intempestivo” no século XIX. Segundo o filósofo, o intempestivo atua “contra o tempo, e com isso, no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro”. O revoltado, o rebelde, o antifa, o vaga-lume, o contemporâneo ou o intempestivo, sinônimos para aqueles que se colocam na luta contra as novas versões do fascismo contemporâneo. Porque em uma realidade com tanto anti-intelectualismo, ousar fazer poesia, seja qual for sua forma, é, por si só, uma atitude intempestiva. Todas essas figuras estão deslocadas de seu tempo, no sentido de que se negam a aceitar o paradigma como absoluto. São figuras pequenas, micro-resistências, narrativas limitadas, anônimas, mas, com o fim da grande luz que permitiria alterar todo o paradigma, se tornam o possível.

Referências

50 poemas de revolta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MORAES, Dênis de. *Crítica da mídia e hegemonia cultural*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PASOLINI, Pier Paolo. Il vuoto Del potere. *Corriere della Sera*, Milano, 01 fev. 1975. Disponível em: <https://www.corriere.it/speciali/pasolini/potere.html>. Acesso em: 09 jul. 2019.

GÓES, Bruno; ARAGÃO, Helena; SOARES, Jussara. Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa onda de indignação. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>. Acesso em 23 abr. 2020.

MEIRELES, Mauricio. Candidatura de Bolsonaro é imã de tempos tenebrosos, diz editor Luiz Schwarcz. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/candidatura-de-bolsonaro-e-irma-de-tempos-tenebrosos-diz-editor-luiz-schwarcz.shtml>. Acesso em 25 dez. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, 2001.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.